



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

JOAQUIM DE SOUSA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DO REINADO DE NOSSA SENHORA D' ABADIA E DO IMPÉRIO DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO - VÃO DE ALMAS (CAVALCANTE – GO)**

Arraias - TO
2021

JOAQUIM DE SOUSA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DO REINADO DE NOSSA SENHORA D' ABADIA E DO IMPÉRIO DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO - VÃO DE ALMAS (CAVALCANTE – GO)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino Araujo

Arraias - TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R484m Ribeiro, Joaquim de Sousa .
 Memórias do Reinado de Nossa Senhora D' Abadia e do Império
 do Divino Espírito Santo - Vão de Almas (Cavalcante – GO). / Joaquim
 de Sousa Ribeiro. – Arraias, TO, 2023.
 50 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,
 2023.

 Orientador: Gilberto Paulino Araújo

 1. Memórias. 2. Cultura. 3. Kalunga. 4. Vão de Almas. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


JOAQUIM DE SOUSA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DO REINADO DE NOSSA SENHORA D' ABADIA E
DO IMPÉRIO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO - VÃO DE ALMAS
(CAVALCANTE – GO)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Data de aprovação: 12 de agosto de 2021

Banca Examinadora


Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo – UFT
Orientador

Prof. Dr^a. Roberta Rocha Ribeiro – UFG
Examinador

Prof. Esp. Roberto Francisco de Oliveira Leite – UFT
Examinador

Professor Me. Adão Fernandes da Cunha – SECUC-GO
Suplente

Dedico este trabalho aos meus pais Nelcina de Sousa Ribeiro e Leotério de Sousa Ribeiro pelo carinho, amor minha inspiração maior. Em especial, as minhas filhas Nyanne e Jamilly, que são minha inspiração para um futuro melhor e aos meus irmãos, Maura, Ildelina, Zulmira, Domingos, Salviano, Paulo, Serafim e Eva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela saúde e sabedoria que me fizeram chegar a esse grande momento de alegria.

Agradeço, em especial, meus familiares, minha mãe Nelcina de Sousa Ribeiro, meu pai Leotério de Sousa Ribeiro, minhas filhas Nyanne e Jamillye. Aos meus irmãos Maura, Ildelina, Zulmira, Domingos, Salviano, Paulo, Serafim e Eva por todo amor e carinho dedicados a mim durante minha trajetória de vida, pois sem o apoio de cada um seria difícil ter chegado a esse grande momento de realização.

À minha esposa Vanusa e minhas cunhadas e meus cunhados, em especial a Wanderléia por toda força e apoio.

Ao meu orientador Dr. Gilberto Paulino Araujo pelo trabalho realizado durante esse processo de ensinamento.

Ao meu colega e amigo Deusino, pela amizade, força e carinho nos momentos que passamos juntos durante toda jornada acadêmica.

Aos meus colegas da Educação do Campo – UFT, pela amizade e companheirismo durante o período de curso, em especial as minhas amigas Gleis Steliane e Lucilene Deltrudes.

A algumas pessoas da minha comunidade Vão de Almas, principalmente aos entrevistados que contribuíram para a construção desse trabalho de pesquisa.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente, o meu muito obrigado!

A cultura, sob todas as formas de arte, de amor e de pensamento, através dos séculos, capacitou o homem a ser menos escravizado. (André Malraux)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo descrever o *Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e o Império do Divino Espírito Santo*, tendo em vista a memória coletiva e individual dos moradores que participam do evento. A metodologia se deu por meio da observação, análise e de entrevista a alguns participantes dessa festividade tradicional. Esta abordagem qualitativa também contou com a revisão de trabalhos de autores da própria comunidade que se dedicaram ao estudo do tema em pauta. Observamos que as tradições quilombolas são essências para o fortalecimento da identidade cultural regional, de modo específico, do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Palavras-chave: Memórias. Cultura. Kalunga.

ABSTRACT

This research aims to describe the Reign of Nossa Senhora d'Abadia and the Empire of the Divine Espírito Santo, in view of the collective and individual memory of the residents who participate in the event. The methodology took place through observation, analysis and interviews with some participants of this traditional festival. This qualitative approach also included the review of works by authors from the community who dedicated themselves to the study of the topic at hand. We observe that quilombola traditions are essential for strengthening the regional cultural identity, specifically, the Kalunga Historical Site and Cultural Heritage.

Key words: Memoirs. Culture. Kalunga.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Localização do Sítio Histórico Kalunga | 17 |
| Figura 2 - Localização da Comunidade Vão de Almas no Território Kalunga | 19 |
| Figura 3 - Vista do Vão de Almas entre as serras | 20 |
| Figura 4 - Estrada de acesso à comunidade Vão de Almas - Serra Pouso do Padre | 21 |
| Figura 5 - Resgate de carros durante o percurso de acesso à comunidade | 21 |
| Figura 6 - Casas do vilarejo do festejo | 30 |
| Figura 7 - Moradores e visitantes se refrescando no Rio Branco | 31 |
| Figura 8 - Capela da Comunidade Vão de Almas | 32 |
| Figura 9 - Interior da capela da Comunidade Vão de Almas | 33 |
| Figura 10 - Altar da capela da Comunidade Vão de Almas | 33 |
| Figura 11 - Cortejo do Império do Divino Espírito Santo | 34 |
| Figura 12 - Bandeira do Império do Divino Espírito Santo | 34 |
| Figura 13 - Reinado de Nossa Senhora d'Abadia | 35 |
| Figura 14 - Coroas do imperador, do rei e da rainha; enfeite dos anjos | 35 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| ADCT | Ato das disposições constitucionais transitórias da Constituição Federal |
| FCP | Fundação Cultural Palmares |
| INCRA | Instituto nacional de colonização e reforma agrária |
| SHK | Sítio histórico Kalunga |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 | Objetivos da pesquisa | 11 |
| 1.2 | Metodologia | 12 |
| 1.3 | Memorial do Estudante | 13 |
| 2 | SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA E COMUNIDADE VÃO DE ALMAS | 16 |
| 2.1 | Sítio Histórico Kalunga (SHK) | 16 |
| 2.2 | Comunidade Vão De Almas | 18 |
| 3 | MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE | 23 |
| 4 | O REINADO DE NOSSA SENHORA D'ABADIA E O IMPÉRIO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO | 28 |
| 4.1 | Memórias do Reinado de Nossa Senhora D'Abadia e do Império do Divino Espírito Santo | 29 |
| 4.2 | Cantos, rezas e ladainhas | 36 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| | REFERÊNCIAS | 42 |
| | APÊNDICES | 44 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de descrever o Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e o Império do Divino Espírito Santo, que ocorre todos os anos na Comunidade do Vão de Almas Kalunga, entre os dias 10 a 16 do mês de agosto.

A comunidade Kalunga Vão de Almas fica localizada no município de Cavalcante GO, é uma comunidade de uma cultura vasta e muito rica, essas riquezas são manifestadas no dia a dia dentro da comunidade, sendo elas, no trabalho e também nas festas culturais religiosas e tradicionais, onde há um vínculo e envolvimento de todos da comunidade. Esse modo de vida tem mantido a união e o respeito entre os moradores desta comunidade.

A comunidade em estudo está localizada a uma distância de 90 km da cidade de Cavalcante - GO, onde moram cerca de 200 famílias, que vivem dos alimentos produzidos da agricultura familiar. Em suas terras, as famílias produzem alimentos como: arroz, milho, feijão de corda, jiló, quiabo e entre outros legumes.

Foi durante o decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Artes Visuais e Música, da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus de Arraias - TO, que aos poucos foi despertado em mim a curiosidade e o interesse em conhecer mais profundamente as manifestações culturais da comunidade da qual faço parte e vivo atualmente. Percebi a importância em fazer um estudo mais detalhado sobre a cultura local, mais precisamente sobre o Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e do Império do Divino Espírito Santo, isso devido a minha participação desde pequeno nessa manifestação religiosa, chegando a ser imperador do Divino Espírito Santo no ano de 2014, sendo que essa manifestação ocorre muitos anos entre os moradores locais.

1.1 Objetivos da pesquisa

Após a contextualização apresentada, seguem os objetivos definidos para a realização do presente Trabalho de Conclusão de Curso:

- a) Objetivo Geral: descrever as vivências do Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e do Império do Divino Espírito Santo da Comunidade Vão de

Almas, tendo em vista a memória coletiva e individual dos moradores da Comunidade Kalunga Vão de Almas – participantes do festejo.

b) Objetivos Específicos:

- ✓ Descrever as rezas que acontecem no festejo do Vão de Almas /GO.
- ✓ Descrever a relevância do festejo para a comunidade.
- ✓ Mostrar a diferença entre o Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e o Império do Divino Espírito Santo.

1.2 Metodologia

A metodologia adotada é de cunho qualitativo. De acordo com Godoy (1995), os estudos pautados na metodologia qualitativa possibilitam três tipos de abordagens, sendo que estas podem ser empregadas separadamente ou integradas: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Para fins do presente estudo, este possui caráter etnográfico, tendo em vista o vínculo e a participação do pesquisador como membro da comunidade e do festejo investigados.

Cabe ressaltar que não se trata de uma pesquisa autobiográfica, mas um estudo que leva em conta as experiências e o conhecimento do pesquisador sobre sua própria comunidade, uma vez que este é integrante da comunidade Kalunga Vão de Almas.

Segundo Silveira e Córdova (2009,p. 41), “a pesquisa etnográfica pode ser entendida como o estudo de um grupo ou povo”. Tais autores destacam as seguintes características da etnografia: (a) visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; (b) a não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado; (c) a variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até de anos; (d) a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório.

A definição pela metodologia qualitativa teve em vista a possibilidade de analisar fatos que ocorrem no território Kalunga Vão de Almas. Por meio dela, também podemos registrar acontecimentos da vivência e das manifestações culturais na comunidade, partindo de uma observação mais detalhada, e por meio

de entrevistas partindo de perguntas elaboradas cuidadosamente dentro do contexto da pesquisa.

Para a fundamentação do trabalho foi utilizado como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2002, p. 44-45).

Nesse sentido, o enfoque bibliográfico voltou-se para o levantamento de materiais produzidos por pesquisadores sobre a comunidade Kalunga. Também foi feito o levantamento bibliográfico sobre os conceitos de memória individual, memória coletiva e identidade.

Para fins desta monografia, também foi realizada a pesquisa de campo com vistas a descrever as características do festejo da comunidade Kalunga do Vão de Almas, conhecido como Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e Império do Divino Espírito Santo. Na pesquisa de campo, “[...] o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (GIL, 2002, p. 53).

Durante a realização da pesquisa de campo, foi efetuado o registro por meio da observação no local e de fotografias durante a participação no festejo de Nossa Senhora d'Abadia e Divino Espírito Santo no ano de 2019. Além disso, a geração dos dados contou com a realização de entrevistas individuais por meio de perguntas semiestruturadas. Os colaboradores do estudo são membros da comunidade que participaram da organização do festejo na condição de organizadores: 02 (dois) homens e 01 (uma) mulher – todos com idade acima de 40 anos.

1.3 Memorial do Estudante

Me chamo Joaquim de Sousa Ribeiro, tenho 34 anos, sou nascido e criado na Comunidade Quilombola Vão de Almas, lugar que atualmente ainda resido cultivando minhas raízes. Filho de pais quilombolas, nascidos e residentes dessa mesma Comunidade. O território Vão de Almas é uma comunidade remanescente

de quilombo, que está localizado na região Centro Oeste, pertencente ao município de Cavalcante de Goiás. O Vão de Almas fica, aproximadamente, a 90 km dessa cidade. É uma comunidade de difícil acesso, cercada por muitas serras, onde a locomoção é feita principalmente por veículos com tração e motos.

Aqui predomina o clima seco e semiárido, as chuvas acontecem nos meses de novembro a março, onde tradicionalmente as famílias que vivem aqui têm sua subsistência vinda basicamente da agricultura familiar, da pesca e da criação de bovinos. A comunidade possui uma identidade própria, identificadas por suas tradições culturais, saberes e fazeres, onde cada um tem seu modo de viver, são vivências que perpassa gerações. As festas tradicionais da região são conhecidas como festas “boca da noite”, império e reinado do mês de agosto, rezas, sussa, entre outros.

Meus pais são lavradores e analfabetos, pois não tiveram oportunidade de estudar, sempre trabalharam na roça de toco, um trabalho braçal e muito árduo, onde geralmente utilizamos as seguintes ferramentas: machado, foice, enxadão e enxada. Foi nessas roças onde aprendi a técnica de produzir alimentos orgânicos, tais como: produção de arroz, mandioca, abóbora, quiabo, jiló, maxixe, entre outros. Meus pais sempre priorizaram os meus estudos, para que meu futuro fosse cada vez mais esperançoso.

Durante minha infância tive tempo para brincar, estudar e ajudar meus pais no serviço da roça, minha brincadeira predileta era lutar com meus primos e montar nos bezerros. Comecei a estudar aos sete anos de idade no Colégio Estadual Calunga I, fui um aluno dedicado e inteligente, sempre me esforcei bastante nas minhas atividades escolares, pois não tinha quem pudesse me ajudar não lições de casa. Fui alfabetizado por uma professora da Cidade de Monte Alegre de Goiás que era professora aqui na nossa comunidade. Foi muito divertido quando comecei a conhecer as letras, e a ler, tudo o que eu aprendia quando chegava em casa escrevia nas paredes de casa e no chão. Foi uma maravilha aprender a ler em cartilhas porque na época lia em cartilhas, depois escrevia tudo o que aprendia no meu caderno.

Em 2002, com 16 anos de idade, tive de morar com minha irmã, saindo da minha comunidade e da casa dos meus pais. Foi um misto de alegria e choro, pois iria morar em outra localidade, que era a Comunidade Quilombola Diadema,

localizada no município de Teresina de Goiás para poder estudar na cidade porque na minha comunidade não havia mais séries para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos. Saía de casa todos os dias da semana às onze horas da manhã, pegava o ônibus que fazia o transporte dos alunos até a cidade e chegava ao Colégio Estadual Joaquim de Souza Fagundes em Teresina por volta das doze e meia, retornava para casa somente às seis e meia da tarde. Essa foi a rotina vivida por alguns anos. No ano de 2008, terminei a terceira série do Ensino Médio, e retornei para a minha comunidade, para a casa dos meus pais.

Em 2009, tive a oportunidade de começar a lecionar, mesmo tendo somente o segundo grau completo, onde permaneci até o ano de 2019, mas sempre com o objetivo de ter uma formação de nível superior, desejo esse que sempre foi meu sonho e também de meus pais, pois eles não tiveram oportunidade de estudar. Em 2014, ingressei na Universidade Federal do Tocantins no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música, onde tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas que se tornaram amigos que pretendo levar por toda minha vida.

Com essa graduação, pretendo continuar trabalhando e morando na minha comunidade, podendo estar sempre próximo aos meus pais e familiares, podendo assim contribuir no processo de ensino e aprendizagem de crianças e jovens que ali vivem, podendo oferecer uma educação de qualidade para eles, ajudando na permanência deles na comunidade.

2 SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA E COMUNIDADE VÃO DE ALMAS

Segundo o livro “Uma história do povo Kalunga”, publicado pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação, em 2001, o povo Kalunga é uma comunidade de negros, originalmente formada por descendentes de escravizados que fugiram dos cativeiros e se organizaram em quilombo. Há muito tempo, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da Chapada dos Veadeiros, na região norte de Goiás. Essa área ocupada pelos Kalunga foi reconhecida no ano de 1991 pelo governo do estado, sendo denominada “Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga”, de modo a compor o patrimônio histórico e cultural do país.

A comunidade Vão de Almas encontra-se distante dos principais centros urbanos da região (cerca de 400 km de Brasília e 600 km de Goiânia) e até mesmo das cidades vizinhas, como Monte Alegre - GO e Campos Belos - GO. Ela compõe o grupo das comunidades centrais do Território Kalunga, reunindo moradores que, em sua maioria, possuem familiares nos municípios próximos, principalmente na cidade de Cavalcante – GO.

2.1 Sítio Histórico Kalunga (SHK)

As comunidades quilombolas são grupos que se formaram no decorrer da história do nosso país, são grupos sociais que possuem características específicas de organização, sejam elas territoriais, sociais ou culturais. Por muito tempo, essas comunidades que são constituídas por descendentes de antigos escravizados lutaram pela garantia de direitos de seus territórios.

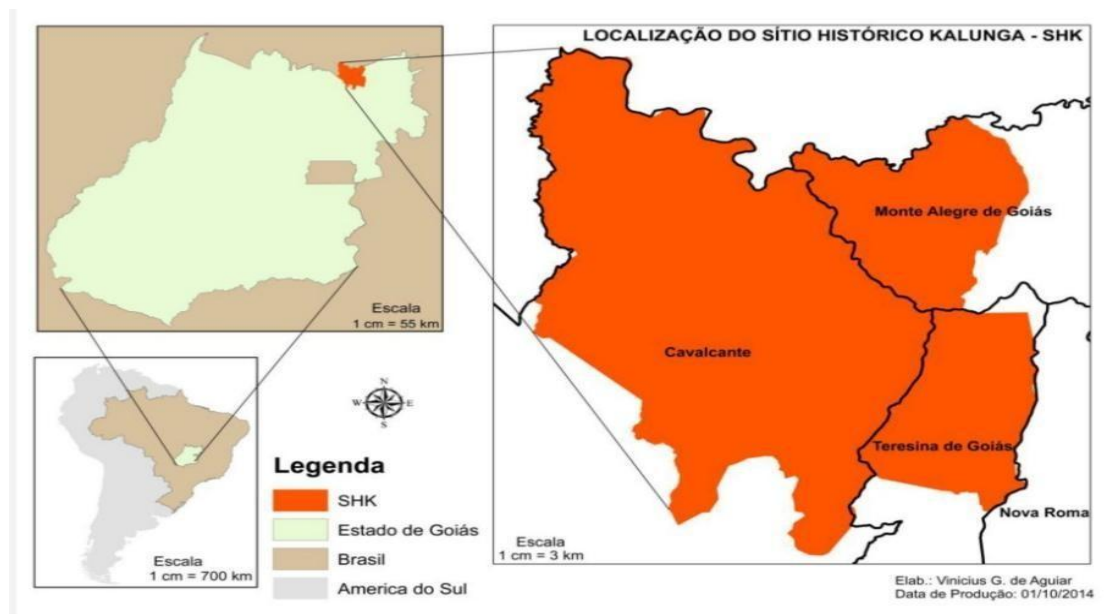
O reconhecimento e a titulação das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos, a partir da inclusão do Artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal (ADCT) de 1988, têm como objetivo garantir a preservação de valores culturais e históricos relativos à contribuição do negro no processo de formação do povo brasileiro. Entretanto, diante do critério de auto atribuição quanto a ser quilombola, a luta pela terra assumiu uma nova dimensão e direcionamento, uma vez que a reivindicação deixou de ser apenas de camponeses negros e passou a ser de remanescentes quilombolas. (LIMA, 2012, p. 01).

O reconhecimento das terras dos Kalunga como Território e Patrimônio Cultural Histórico favoreceu ainda mais o sentimento de pertencimento, valorização da cultura local e facilitação da chegada de políticas públicas nas diversas áreas

essenciais, embora ainda haja muito que melhorar.

O território dos Kalunga (em Goiás) abrange três municípios, sendo eles: Monte Alegre de Goiás, Cavalcante e Teresina de Goiás. Na figura a seguir, podemos observar a localização do Sítio Histórico Kalunga (SHK) dentro do estado de Goiás.

Figura 1 - Localização do Sítio Histórico Kalunga



Fonte: Adaptação de Aguiar (2011).¹

Na área que compreende 261 mil hectares, nos municípios do nordeste goiano citados, encontram-se 39 (trinta e nove) comunidades quilombolas que compõem o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Recentemente, em fevereiro de 2021, o território Kalunga foi reconhecido pelo Programa Ambiental das Nações Unidas como o I TICCA do Brasil (Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Índigenas e Locais)².

Esse título internacional demonstra o trabalho de preservação ambiental e valorização da cultura por parte dos membros das comunidades que integram o Sítio Histórico Kalunga, conforme consta no Decreto nº 4.339/2002, que institui a Política

¹ Disponível em: <[ESTUDO DE CASO Comunidade Quilombola Kalungaporlatierra.org](http://www.territorio-kalunga.org.br/territorio-kalunga-e-reconhecido-pelo-programa-ambiental-da-onu-como-primeiro-ticca-do-brasil/)>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

² Maiores informações em:

<<https://iieb.org.br/territorio-kalunga-e-reconhecido-pelo-programa-ambiental-da-onu-como-primeiro-ticca-do-brasil/>> ou <<http://cepfcerrado.iieb.org.br/territorio-kalunga-e-reconhecido-pelo-programa-ambiental-da-onu-como-primeiro-ticca-do-brasil/>>.

Nacional da Biodiversidade.

No Artigo 2º, XII, temos a seguinte afirmação:

a manutenção da diversidade cultural nacional é importante para a pluralidade de valores na sociedade em relação à biodiversidade, sendo que os povos indígenas, os quilombolas e as outras comunidades locais desempenham um papel importante na conservação e na utilização sustentável da biodiversidade brasileira (BRASIL, 2002, s/p).

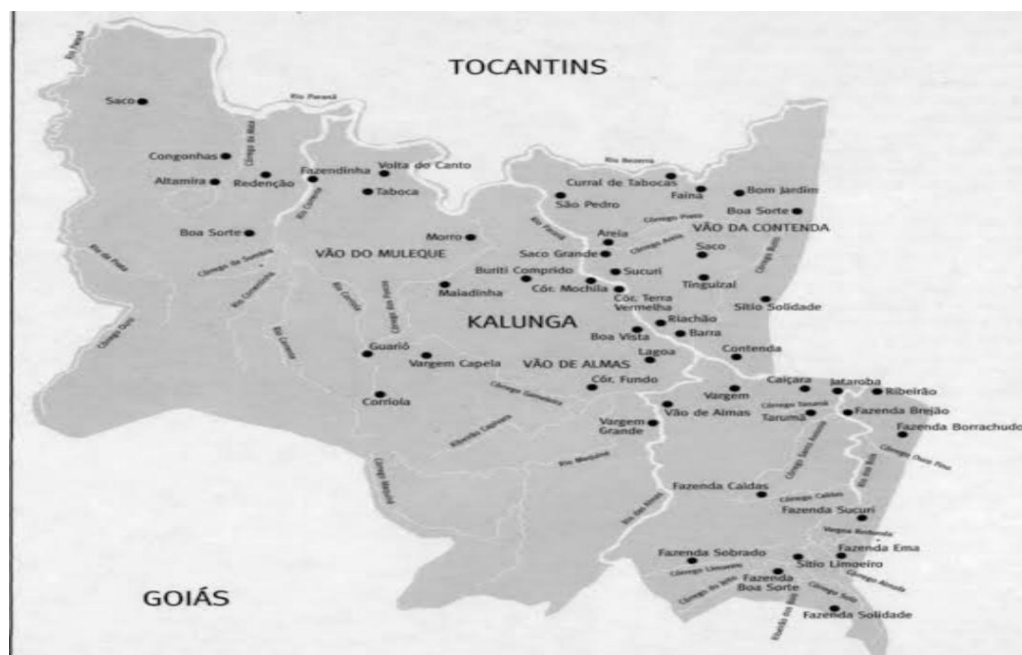
Isso é a prova do papel desempenhado pelas comunidades tradicionais no respeito ao meio ambiente e o cuidado com os saberes e costumes que integram a diversidade cultural brasileira.

2.2 Comunidade Vão De Almas

Conforme dito, o Vão de Almas faz parte do Sítio Histórico Kalunga (SHK), sendo uma comunidade de difícil acesso, pois é cercada por muitas serras e estradas de chão (durante muito tempo precárias), o que fez com esta ficasse muitos anos quase isolada das outras cidades da região.

A seguir, podemos observar a localização da Comunidade Vão de Almas dentro do Sítio Histórico Kalunga.

Figura 2 - Localização da Comunidade Vão de Almas no Território Kalunga



Fonte: Adaptação de Aguiar (2011).³

Até pouco tempo (cerca de uns 10 a 15 anos), o único meio de acesso à comunidade era a pé ou no lombo de animais, andando por vários quilômetros subindo e descendo serras e atravessando rios. Era uma viagem muito difícil, pois até mesmo os animais ficavam bastante exaustos. O burro era um dos animais mais utilizados como transporte, tendo em vista que é um dos animais mais resistentes para percorrer longas distâncias.

Como ponto de referência, o Vão de Almas está a uma distância de 90 km do município de Cavalcante de Goiás e a 80 km do município de Monte Alegre de Goiás. O acesso pode ser realizado pelo município de Monte Alegre trafegando por estrada de chão e em seguida com uma travessia em balsa ou canoa pelo rio Paranã. Outra possibilidade é percorrer cerca de 30 km da cidade de Teresina de Goiás até a entrada da fazenda Ema e fazer o restante do percurso em estrada de chão pelas serras da região. Atualmente vivem na comunidade Vão de Almas 215 (duzentas e quinze) famílias, cerca de 1075 (mil e setenta e cinco) pessoas.

³ Disponível em: ESTUDO DE CASO Comunidade Quilombola Kalungaporlatierra.org. Acesso em: 25 de maio de 2020.

Figura 3 - Vista do Vão de Almas entre as serras



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Já se encontram abertas estradas que facilitam o acesso à comunidade. O acesso por essas estradas são feitos por meio de carros traçados, principalmente no período chuvoso, por se tratar de estradas de chão sem nenhum tipo de pavimentação e em serras. Quando chove, se torna bastante escorregadio, dificultando os carros subirem as serras. Ainda é comum as pessoas da comunidade se transportarem em lombos de animais.

As estradas que dão acesso às várias comunidades são estradas de chão, ficando muitas delas inutilizáveis em períodos de chuva forte, deixando-os completamente isolados por vários dias. Na maior parte das comunidades, o acesso somente é possível com veículos com tração nas quatro rodas. O sinal de telefone chega apenas nas comunidades que têm uma antena para recebê-lo. O grau de isolamento de algumas comunidades é profundo devido a estes problemas, mas também deve-se considerar que os Kalunga construíram um modo de vida baseado na subsistência, não necessitando – tradicionalmente - de estabelecer contato diário com o exterior. (BRASIL, 2014, p.5)

O Vão de Almas ainda é uma das comunidades Kalunga que permanecem mais isoladas no Sítio Histórico. A maior parte das famílias que moram nesta localidade vive sem saneamento básico (água encanada, esgoto, coleta de lixo etc.) e apenas algumas casas possuem eletricidade.

A comunicação ainda é bem difícil na localidade, o sinal de celular pega

apenas em algumas casas que possuem antena. O único local que tem acesso à internet é em uma escola estadual que tem na comunidade, mesmo assim o sinal ainda não é muito bom e o uso é bem restrito.

Figura 4 - Estrada de acesso à comunidade Vão de Almas - Serra Pouso do Padre



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

Figura 5 - Resgate de carros durante o percurso de acesso à comunidade



Fonte: Arquivo pessoal do professor Me. Rogério Ribeiro Coelho (2016).⁴

⁴ Imagem retirada do arquivo pessoal do professor Me. Rogério Ribeiro Coelho mediante autorização prévia. Disponível em sua rede social facebook: <<https://www.facebook.com/rogerio.ribeirocoelho>>.

As famílias que vivem na comunidade sobrevivem da agricultura familiar, pequenas roças, que são plantadas em um espaço menor que um hectare de terra. Os plantios são feitos em uma mesma área por até quatro anos. Depois dessa temporada, a terra descansa por um período de até dez anos para que possa ser utilizada para plantio novamente.

3 MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE

Podemos considerar que um dos componentes que definem a nossa identidade é a ligação entre a memória e a história. Sendo assim, podemos definir a memória individual como aquela guardada por um indivíduo e que se refere às suas próprias vivências e experiências. A memória coletiva refere-se à memória partilhada em grupo, seja de uma comunidade ou lugar de uma região ou país, podendo ser construída a partir de fatos lembrados por membros dessa comunidade.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele. [...] Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro e ter em comum todos os seus pensamentos. (HALBWACHS, 1990, p. 45).

Desse modo, percebemos que a memória individual mantém relação com a memória coletiva, ou seja, a perspectiva da memória individual revela fragmentos da memória coletiva. A esse respeito, também temos a contribuição de Miranda (2019,

p. 1): “Se boa parte das lembranças que temos é relativa a momentos em que a memória é compartilhada, ainda existe uma parcela de momentos que foram vivenciados por uma pessoa somente”.

Outro autor que também dialoga com a concepção de Halbwachs (1990) é Oliveira (2017):

A lembrança imagem que ininterruptamente está junto com outras imagens e é, em larga medida, uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente. Além disso, a lembrança também é preparada por outras reconstruções praticadas em épocas anteriores, uma vez que a imagem de outrora já surgiu bem alterada. (OLIVEIRA, 2017, p. 06).

Dessa maneira, as memórias que resultam das experiências de vida de uma pessoa podem ser compartilhadas com a comunidade da qual faz parte, tendo em vista as interações vividas entre os membros de determinado grupo, em diferentes situações do cotidiano, como é o caso dos festejos e de muitos outros momentos de encontro e partilha das tradições kalungas.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.26).

Essa memória coletiva, que é compartilhada, geralmente estará ligada a um acontecimento preciso, ou seja, um fato importante para aquele grupo de pessoas. Isso pode ser considerado como se fosse um “depósito” de informações referentes a uma comunidade, sendo elas memórias coletivas e também individuais, relacionadas aos lugares ou ao território do grupo social.

[...] A memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS 1990, p. 14).

Nesse sentido, a cultura mantém estreita relação com a memória individual e a memória coletiva, tendo em vista os fatores que envolvem as diferentes ações do sujeito ao longo da vida: suas produções, interações sociais, econômicas, educacionais, religiosas, artísticas, linguísticas etc.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam em seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBAWCHS, 1990, p. 34).

Observarmos que a memória coletiva é fortificada e perdurada ao longo dos anos, tendo suporte na memória de indivíduos que compartilham suas memórias na comunidade. Do conjunto de lembranças em comum desse grupo, podemos dizer que a memória individual se apresenta como olhar de cada membro sobre a memória coletiva.

Em busca de dialogar com outro autor a respeito do sentido de memória, temos a concepção de Pollak (1992). Para ele, todos os cidadãos estão sujeitos às mudanças e transformações.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 05).

Diante do que foi até aqui exposto, consideramos que as memórias particulares ou individuais também fazem parte da memória de outras pessoas, integrando uma memória coletiva. Isso quer dizer que, embora algumas pessoas não tenham vivenciado uma mesma experiência, ainda assim podem compartilhar acontecimentos parecidos. Compreende-se, então, que uma memória julgada como individual pode ser parte de outras memórias, sendo parte de uma organização maior de memórias vividas coletivamente.

[...] são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 02).

Desse modo, a memória individual tem a ver com as nossas impressões particulares sobre os fatos, sendo organizada a partir de detalhes de algo que recordarmos. Já a memória coletiva tem a ver com os registros e lembranças que se tornaram, por algum motivo, importantes para um grupo de pessoas ou comunidade.

Assim, as histórias de vida dos membros de determinada coletividade também compõem a nossa identidade.

Assim como o conceito de *memória*, a *identidade* também pode ser compreendida a partir de uma concepção mais ampla, nos remetendo ao sentimento de pertencimento expresso nas manifestações culturais, de modo a não

desconsiderar aquilo que é compartilhado no coletivo – a chamada identidade cultural.

A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, 2010, s/p).

Dessa forma, a identidade cultural é construída nas interações sociais, nos costumes e tradições compartilhados ao longo das gerações, na manutenção dos saberes, costumes e tradições. Não é nosso objetivo explorar de maneira profunda o conceito de *identidade*, porém apresentamos a concepção de um dos importantes teóricos que trata sobre a temática em pauta - Stuart Hall:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006, p. 07).

Para o autor, devemos nos referir ao termo no plural – *identidades* –, ou seja, levando em consideração a história de cada indivíduo em contato com o outro, a participação em diferentes contextos sociais e territoriais e, principalmente, o acesso cada vez maior aos modos de comunicação e informação do mundo globalizado.

A identidade é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Sendo assim, não existe uma identidade plenamente unificada. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13).

Um exemplo disso é o nosso processo de formação como estudantes da Educação do Campo. O contato com novos conhecimentos, o estudo da música e da arte a partir de elementos acadêmicos e clássicos, o uso da fala e da escrita em contextos linguísticos mais formais etc. – tudo isso tem propiciado novas experiências, descobertas e leituras de mundo. Ainda assim, em todo momento, somos instigados a refletir sobre o papel de cada um de nós como indivíduo no interior de nossas comunidades, a pensar no valor que atribuímos a nossas

manifestações culturais, a exemplo dos festejos e rituais religiosos.

Nesse sentido, o conceito de identidade foi aqui rapidamente discutido por levarmos em consideração a relação desse termo com o significado de memória, tendo em vista o que nos diz Polak (1992, p. 06): “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Diante disso, o tópico seguinte aborda a importante festividade popular presente no calendário anual da comunidade Kalunga do Vão de Almas – O Reinado de Nossa Senhora d’ Abadia e o Império do Divino Espírito Santo. Esse festejo está ligado à fé católica popular. Na comemoração, os fiéis se reúnem para manifestar sua devoção, pedindo a intercessão ou agradecendo pelas graças alcançadas.

Assim como outros festejos religiosos espalhados pelas diferentes localidades de nosso país, a romaria de Nossa Senhora d’ Abadia e do Divino Espírito Santo tem atraído muitos fiéis e “pessoas de fora” para participar dessa manifestação cultural dos Kalunga.

4 O REINADO DE NOSSA SENHORA D'ABADIA E O IMPÉRIO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Os festejos nas comunidades quilombolas integram os calendários da cultura passada de geração em geração: ritos religiosos, plantio e colheita, produção de alimentos, artesanatos etc. Vale ressaltar que o festejo de Nossa Senhora d'Abadia e do Divino Espírito Santo, foco do presente estudo, possui importante papel social para a comunidade Kalunga do Vão de Almas.

Durante o festejo, são realizados batismos, casamentos, comemoração de aniversário, reuniões das lideranças, venda e troca de produtos da região etc. Além disso, a comunidade aproveita para fazer reivindicações, tendo em vista a presença de representantes do poder público local (e até mesmo das esferas estadual e federal).

Ademais, quando se reúnem, os Kalunga, com sua simplicidade e arrojo, buscam, sobretudo, preservar suas tradições. Essas festas tradicionais são o momento de reunir todos os membros da comunidade, inclusive aquelas pessoas que, por algum motivo, tiveram de deixar o território para morar em outras localidades. É o tempo de retornar ao lugar de origem, ou seja, o reencontro com os parentes e amigos.

A festa é um momento do encontro, da reunião das famílias. É hora de rever os tios e primos que moram mais longe, saber de parentes que não dão notícia há muito tempo. É nas festas que as pessoas mais moças se encontram e começam namoros que podem dar em casamento. E é lá que os próprios casamentos são celebrados. Lá se batizam os filhos de moços e moças que se conheceram e se casaram nas festas de outros anos. É nas festas que as pessoas se encontram pra fazer negócios. E quem nasceu na comunidade Kalunga e foi morar na cidade, ou *na rua*, como se costuma dizer por lá, volta para casa para aproveitar as festas. (BRASIL, 2001, p.49).

Esse momento de encontro também se torna uma oportunidade de manter vivas as memórias, de reorganizar os espaços, de se relacionar com outras pessoas e assim fortalecer vínculos importantes para a manutenção dos costumes da comunidade.

Outro fator importante é que nas festas tradicionais há sempre o encontro com outras culturas, ou seja, a interação com pessoas de diferentes lugares do país (e até mesmo do mundo). Isso ocorre devido ao fluxo de turistas no Vão de Almas e

outras localidades do Sítio Histórico Kalunga. Esse é um fator que tem exigido cada vez mais a organização interna por parte das lideranças da comunidade ou membros responsáveis pelos festejos.

É quando se realizam as festas que as pessoas de fora, de Cavalcante, Monte Alegre, Teresina de Goiás e mesmo os de mais longe, vem conhecer o povo Kalunga. E é também nessas ocasiões que as pessoas que tem mais autoridade entre os Kalunga negociam com gente de fora, políticos e outros agentes do governo, a solução dos problemas da comunidade. É ali que eles podem sentir que pertencem de fato a uma comunidade, que fazem parte de um povo que tem uma história e uma identidade, que *são alguém do povo Kalunga*. É por isso que, para eles, as festas são importantes. (BRASIL, 2001, p.49).

As festas tradicionais são consideradas pelos próprios membros da comunidade as maiores heranças deixadas pelos antepassados, momento em que se mantêm vivas as tradições e memórias repassadas para as gerações mais novas por meio da oralidade (e, atualmente, por meio de registros escritos dos Kalunga que têm estudado e pesquisado a cultura de seu povo).

4.1 Memórias do Reinado de Nossa Senhora D'Abadia e do Império do Divino Espírito Santo

O festejo de Nossa Senhora d'Abadia e do Divino Espírito Santo⁵ ocorre todos os anos no mês de agosto - do dia 12 ao dia 16. Na verdade, as pessoas da comunidade vão para o lugar do festejo por volta do dia 10, pois precisam fazer a limpeza e a organização dos seus barracos (pequenas casas de adobe e palha). O local é ocupado apenas durante o período do festejo e os moradores da comunidade vão lá apenas algumas vezes no ano para verificar as condições de suas casas.

Vale ressaltar que o uso da palavra *barraco*, no contexto desta pesquisa, não nos remete a algo negativo, pois é como os próprios membros da comunidade denominam as pequenas casas onde as famílias "moram" durante os dias de realização do festejo. Essas casas foram construídas em volta da capela com as matérias-primas encontradas na própria comunidade: as paredes são revestidas de barro, o teto coberto de madeira roliça e palha, o piso é de "chão batido".

⁵ As pessoas da comunidade também se referem ao festejo como: Reinado de Nossa Senhora d'Abadia e Império do Divino Espírito Santo; Romarias de Nossa Senhora d'Abadia e do Divino Espírito Santo.

Figura 6 - Casas do vilarejo do festejo



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador (2021).

Além de ser o lugar de acomodação dos participantes do festejo, as casas e a organização de todo o espaço traduzem o sentimento de pertencimento comunitário e familiar, além da devoção aos santos de cada época.

O festejo chama a atenção de muitos visitantes das cidades vizinhas, turistas e pesquisadores que vêm de longe para acompanhar e registrar a tradição. Antigamente, as pessoas que se dirigiam ao local para conhecer e fazer suas pesquisas chegavam e iam se alojando sem pedir nenhuma permissão. Hoje em dia, é preciso pedir uma autorização aos festeiros e organizadores para que se possa fazer os registros.

Esses visitantes geralmente ficam acampados em barracas ao redor do festejo. Durante os dias de romaria, o pessoal aproveita para vender produtos locais, alimentos e bebidas, que são comercializados por pessoas da comunidade e também das cidades vizinhas, isso mediante autorização. Ao longo do dia, as pessoas aproveitam para tomar banho no Rio Branco - um dos rios que cercam a comunidade.

Figura 7 - Moradores e visitantes se refrescando no Rio Branco



Fonte: Arquivo pessoal do professor Me. Rogério Ribeiro Coelho (2016).⁶

A figura 7 mostra as pessoas se refrescando, se divertindo no Rio Branco durante os dias de romaria na Comunidade Vão de Almas. São momentos de lazer, que também representam a construção de novas relações sociais e culturais. Além do momento de lazer, a festividade nos remete à história e à identidade cultural local.

O Império do Divino Espírito Santo é realizado no dia quatorze e no dia quinze o Reinado de Nossa Senhora d' Abadia. O festejo inicia com a realização da folia de cipó, seguido da levantada do mastro, que é tradicionalmente feita às oito horas. Além disso, temos a dança da sussa e outras celebrações e apresentações.

Durante as noites de romaria, são realizadas as procissões, que são acompanhadas pelo toque da sanfona. Com velas confeccionadas de cera acesas nas mãos, todos cantam e circulam três vezes ao redor do festejo, tendo a capela como marco. A procissão chama atenção pela organização e tradições que são seguidas pontualmente todos os anos.

O início das festividades da Romaria de Nossa Senhora da Abadia é

⁶ Imagem retirada do arquivo pessoal do professor Me. Rogério Ribeiro Coelho mediante autorização prévia do mesmo, 2016. Disponível em sua rede social facebook, <https://www.facebook.com/rogerio.ribeirocoelho>.

marcado por reza; missa na igreja; levantamento do “mastro” ao lado da igreja; Impérios do Divino; crianças vestidas de anjo; folia; procissão, e o povo devoto acompanhado por banda de música e centenas de “candeias” (luminária feita de pavio de algodão misturado à cera de abelhas) que iluminam as noites escuras. (ROSA, 2013, p. 33).

Uma das curiosidades que se pode observar do Império do Divino Espírito Santo é que só existe o imperador, não existe imperatriz, diferentemente do Reinado de Nossa Senhora d’ Abadia, que tem o rei e a rainha. Segundo os moradores mais antigos, isso ocorre pelo fato do Divino ser “solteiro”.

Durante a preparação do cortejo, as mulheres participam da confecção dos enfeites da festa e das rezas e ladainhas. Nesses momentos, percebemos a união e a prestatividade dos moradores da comunidade. O império do Divino e o Reinado de Nossa Senhora d’Abadia nos dias 14 e 15 são realizados cada dia em uma casa distinta.

O império do Divino Espírito Santo é realizado no dia 14 no período vespertino com o cortejo saindo da casa do Imperador até a capela do festejo, onde são realizadas as celebrações religiosas. Na pequenina igreja do vilarejo, são realizadas as rezas, os cantos e os benditos. É também onde se realiza o sorteio para saber quem serão os festeiros do ano seguinte. Logo após o sorteio, o cortejo é retomado, sempre entoado pelo toque da sanfona, voltando para a casa do imperador. No local, são servidas comidas e bebidas para todas as pessoas presentes. A mesma estrutura e organização ocorre no dia 15 no Reinado de Nossa Senhora d’Abadia.

Figura 8 - Capela da Comunidade Vão de Almas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

A imagem 8 mostra a igreja antes do acontecimento da celebração religiosa, que ocorre entre os dias 12 e 16 do mês de agosto.

Figura 9 – Interior da capela da Comunidade Vão de Almas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

Figura 10 – Altar da capela da Comunidade Vão de Almas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2021).

A organização do cortejo do Império do Divino Espírito Santo e do Reinado de

Nossa Senhora d'Abadia é realizada da seguinte forma: em um quadrado de proteção, permanece o imperador, sua família, o alferes que leva a bandeira do Divino e outro alferes que empunha uma espada e os anjos. Os alferes são os guardiões das bandeiras. O que se diferencia no cortejo do Reinado de Nossa Senhora d'Abadia é a presença da imperatriz.

Figura 11 - Cortejo do Império do Divino Espírito Santo



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2014).

Figura 12 - Bandeira do Império do Divino Espírito Santo



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador, (2021).

A figura 12 mostra o Reinado de Nossa Senhora d' Abadia. Podemos

observar que o rei e a rainha ficam à frente. Esse registro se refere ao momento em que o cortejo se dirige à igreja para fazer as orações e agradecimentos, conforme a tradição kalunga.

Figura 13 - Reinado de Nossa Senhora d'Abadia



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2014).

Figura 14 - Coroas do imperador, do rei e da rainha; enfeite dos anjos



Fonte: Arquivo Pessoal do pesquisador (2021).

Nos dias do Império e do Reinado, durante a manhã, o Padre realiza missas,

batizados e os casamentos. Nesses dias, algumas pessoas também pagam promessas por alguma graça recebida.

No último dia de festejo, o padre celebra a Missa dos Romeiros e o festejo é encerrado com a cerimônia da passagem aos festeiros (rei, rainha e imperador – organizadores) do ano seguinte. As coroas, as asas dos anjos e as bandeiras ficam guardadas durante o ano na capela sob a responsabilidade de dois zeladores da comunidade: o Sr. Salviano dos Santos Rosa e Sr. Faustino dos Santos Rosa.

Em torno do festejo existem muitas crenças e/ou superstições, entre elas a de que quem vai ao festejo não pode ir embora antes dos encerramentos religiosos do último dia, pois algo de ruim pode acontecer.

4.2 Cantos, rezas e ladainhas

As rezas e as ladainhas são os elementos religiosos principais do Império do Divino Espírito Santo e Reinado de Nossa Senhora d'Abadia. As pessoas vão para a igreja fazer o momento de oração em agradecimento a Deus e aos santos da festa. Geralmente quem conduz as rezas são os mais velhos. Isso acontece desde as primeiras celebrações. Os mais novos devem ter atenção para que possam aprender e, assim, garantir que essa tradição continue passando de geração para geração.

Ao longo das orações, os rezadores convidam as pessoas para beijar o santo do dia da festa. Os participantes ajoelham-se e agradecem. É um momento de fé, de manifestação do catolicismo popular. Ao final, são lançados fogos de artifício, com gritos de celebração e alegria.

As rezas e as ladainhas fazem parte das solenidades mais importantes para os moradores do Vão de Almas e são realizadas durante o império, entoadas por um grupo de mulheres mais velhas da comunidade.

As rezadeiras da comunidade Vão de Almas são mulheres que ocupam espaços sociais muito importantes na comunidade. São mulheres com mais de cinquenta anos de idade, que não tiveram oportunidade de estudar e tudo que aprenderam foi com seus pais, a partir de observação e participação nos momentos das rezas. (ROSA, 2013, p. 26).

Ainda de acordo com Rosa (2013), as rezas encontram-se presentes nas tradições festivas da Comunidade Vão de Almas. Também são comuns nas demais

festas da região. As missas realizadas durante o império são presididas pelo padre que vem todos os anos da cidade de Cavalcante-GO. Durante os dias de festejo, são realizados casamentos e batizados.

Vale ressaltar que essas práticas religiosas são compostas pela oração universal do Pai Nosso e do Credo. No entanto, podemos observar rezas, ladainhas benditos e cantos típicos da região:

a) Bendito de Santa Tereza

Santa Teresa é ela, é o céu Divino, vindo à senhora que adorava os seus meninos e, no caminho da penitência, Teresa encontrou um homem, Teresa chega pra perto e diga como é seu nome, o meu nome eu digo já é com prazer e alegria, eu chamo é Teresa de Jesus e filha da Virgem Maria, Teresa seu pai é morto e fé em Deus e ele não tinha, põe ali Santa Teresa e na cozinha eu vos ofereço esse Bendito pra Senhor naquela cruz em intenção de Santa Teresa e o coração de Jesus.

Viva menino Deus, ô viva
 Viva quem já beijou, ô viva
 Viva nossa senhora, ô viva
 Viva quem vai beijar, ô viva
 Viva menino Deus, ô viva
 Viva quem vai beijar, ô viva (Bis)

b) Ladainha de Nossa Senhora

Senhor, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, tende piedade de nós
 Senhor, tende piedade de nós
 Jesus Cristo, ouvi-nos.
 Deus pai do céu, tende piedade de nós
 Deus filho redentor do mundo, tende piedade de nós
 Deus, Espírito Santo, tende piedade de nós.
 Santíssima trindade, que sois um só
 Deus. Santa Maria, rogai por nós
 Santa Virgem das Virgens, rogai por nós
 Mãe de Jesus Cristo, rogai por nós
 Mãe de Divina Graça, rogai por nós
 Mãe puríssima, rogai por nós
 Mãe imaculada, rogai por nós
 Mãe intacta, rogai por nós
 Mãe amável, rogai por nós
 Mãe admirável, rogai por nós
 Mãe do bom conselho, rogai por nós
 Mãe do criador, rogai por nós
 Mãe do Salvador, rogai por nós

Virgem Prudentíssima, rogai por nós
 Virgem Venerável, rogai por nós
 Virgem Poderosa, rogai por nós
 Virgem benigno, rogai por nós
 Virgem fiel, rogai por nós
 Espelho da Justiça, rogai por nós
 Sede de Sabedoria, rogai por nós
 Causa de nossa alegria, rogai por nós
 Vosso insigno, rogai por nós
 Rosa mística, rogai por nós
 Torre de Davi, rogai por nós Torre de Marfim, rogai por nós
 Casa de ouro, rogai por nós
 Arca da Aliança, rogai por nós
 Porta do céu, rogai por nós
 Estrela da manhã, rogai por nós
 Saúde dos enfermos, rogai por nós
 Refúgio dos pecadores, rogai por nós
 Consoladora dos aflitos, rogai por nós
 Auxílio dos cristãos, rogai por nós
 Rainha dos anjos, rogai por nós
 Rainha dos patriarcas, rogai por nós
 Rainha dos profetas, rogai por nós
 Rainha dos apóstolos, rogai por nós
 Rainha dos Mártires, rogai por nós
 Rainha de todos os Santos, rogai por nós
 Rainha concebida sem pecado, rogai por nós
 Rainha assunta ao céu, rogai por nós
 Rainha do Santíssimo rosário, rogai por nós
 Rainha da paz, rogai por nós
 Rainha da família, rogai por nós

c) Canto de Nossa Senhora d'Abadia

Viva o capitão do
 mastro, Viva o
 dono da festa,
 Viva todos os que estão na
 função Ora viva
 Nossa Senhora
 d'Abadia Nossa
 Senhora

Em nome do pai dê na testa, nome do pai dê na testa, nome do, nome
 do, Nome do filho no peito, nome do, nome do filho no peito,
 Mas pra fazer o sinal, pra fazer o sinal,
 Fazemos, fazemos com a mão de direita, fazemos, fazemos, com a
 mão direita
 Viva os pais de

capelinha. (Bis)

Capela, capela de oração, capela de oração,
 Onde mora a toda imagem, onde mora a toda
 imagem, Padroeiro, padroeiro é São João,
 padroeiro é São João E vai o sol baixando, e vai
 o sol baixando,
 Vai acabando, vai acabando a claridade, vai acabando a
 claridade Só não quero que vós deixa sem a luz.
 (Bis)

Da verdade, sem a luz da
 verdade, Deus lhe pague,
 meus romeiros, (Bis)

Da esmola, (Bis)

Que já pedida, da esmola que já está pedida,
 São João com seu carneiro, São João com seu carneiro que
 lhe dê (Bis)

Anos de vida, que lhe dê anos de vida,
 Ô entre copo com a bandeira, ô entre copo com a
 bandeira Leva seu, leva seu joelho no chão, leva seu
 joelho no chão, Ajoelha e beija o retrato, ajoelha e
 beija o retrato
 E receba, receba Santa benção, receba Santa
 benção Ô lá no céu tem alegria, ô lá no céu tem
 alegria,

Cá na terra, cá na terra, também tem, cá na terra
 também tem E pai e filho e Espírito Santo.
 (Bis)

Nas horas, nas horas, nas horas de Deus amém, nas horas de Deus amém.

As ladainhas são o começo do império e reinado, ou seja, para dar início à festa religiosa. É uma reza da tradição, feita para se oferecer ao santo do dia. Somente após as outras rezas, ladainhas e cantos é que se anuncia o novo rei do ano seguinte.

Desse modo, as rezas caracterizam-se como principal elemento dessa festividade religiosa do Vão de Almas. Os oferecimentos e os agradecimentos aos santos são fundamentais para se renovar um novo ciclo de trabalho e cuidado nos afazeres do dia a dia da comunidade.

Com muita fé e emoção, os romeiros pedem a proteção de todos que ali estão

para celebrar essa manifestação religiosa e cultural. Durante os dias de império, após as rezas, o festejo continua com as músicas, cantos, danças, comidas e bebidas. Um momento de muita alegria, respeito e união entre os membros da comunidade e os convidados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar na Universidade Federal do Tocantins, em 2014, fui aos poucos despertando em mim o interesse em descrever alguns elementos da memória do reinado de nossa senhora D' Abadia e do império do Divino do Espírito Santo – Vão de Almas (Cavalcante-GO).

No ano de início da graduação, fui escolhido como imperador do Divino Espírito Santo. Foi o momento de cumprimento de uma promessa religiosa como resultado da fé e devoção de meus pais. Essa promessa foi feita pelo fato de eu ter nascido no momento em que iniciava o império do Divino Espírito Santo. Para mim, foi uma grande experiência vivida, não somente como participante da festa, mas também como membro da comunidade à frente do festejo.

Dessa maneira, a presente pesquisa possibilitou a ampliação do meu olhar sobre as práticas culturais e a tradição das quais faço parte. Além disso, me⁷ despertou, ainda mais, para o cuidado com a preservação e a valorização das tradições de meus ancestrais.

Observei que o império do Divino Espírito Santo e o Reinado de Nossa Senhora d'Abadia são elementos fundamentais que compõem os saberes e as práticas tradicionais do povo Kalunga.

Participar da romaria na Comunidade Vão de Almas é manter viva a memória coletiva, é reafirmar a identidade kalunga, é possibilitar o reencontro de parentes, amigos e o surgimento de novas amizades e interações sociais.

A identidade de um grupo social, em especial da Comunidade Quilombola Kalunga, se apresenta pelas manifestações diversas, contidas nas nossas falas, causos, danças, expressão de fé por meio de rezas, cantigas etc.

Que novas promessas, agradecimentos por melhores condições financeiras, pela saúde, pelo reencontro, ou seja, novos pedidos estejam presentes para renovar mais um ciclo de comemorações e festas.

Por fim, a presente pesquisa buscou, sobretudo, contribuir com o registro escrito de uma pequena parte dessa história, dos saberes e fazeres presentes no Reinado de Nossa Senhora d' Abadia e do Império do Divino Espírito Santo.

⁷ O uso da primeira pessoa do singular foi retomado (a exemplo do memorial) com vistas ao registro de minha reflexão sobre o processo de construção dessa pesquisa, assim como de minha trajetória como membro da Comunidade Kalunga Vão de Almas e acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius Gomes de. Sítio Histórico Kalunga (GO): Relevo E Sua Relação Com O Uso E A Ocupação Das Terras /Vinicius Gomes de Aguiar - XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011. 11p.

BRASIL, DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

BRASIL. DECRETO Nº 4.339, DE 22 DE AGOSTO DE 2002. Institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional da Biodiversidade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4339.htm. Acesso em 18 de julho de 2021.

BRASIL. Movimento Regional Por La Tierra. Estudo de caso da Comunidade Quilombola Kalunga. 2014. Disponível em: <https://porlatierra.org/docs/a72dac0268841fe42cab6fe0380d039d.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Uma história do povo Kalunga**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. (Tradução de Laurent Léon Schaffter). São Paulo: Editora Vértice Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo, SP, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopez Louro). – 11º ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Luana Nunes Martins de. Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: A emergência da identidade étnica kalunga pelos direitos fundiários. **Anais** do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Textos Completos. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281. 25 A 27 de setembro de 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/luana_geralda.pdf. Acesso em: 20 de março de 2021.

OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. Memória Individual e Memória Coletiva. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, Ed. 01, Vol. 13, Janeiro de 2017. pp. 339-348.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Identidade Cultural. In: **Dicionário de Direitos Humanos**. Verbetes *on line*. 2010. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=identidade%20cultural>. Acesso em: 29/06/2021.

POLLAK , Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em:
<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>, Acesso em: 19 de julho de 2021.

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, Rezadeiras e Juventude na Comunidade Vão De Almas, Cavalcante – GO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo. Universidade de Brasília – UnB. FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP. 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS MORADORES DA COMUNIDADE

Observação: as falas foram reproduzidas na íntegra, sem formatação na norma culta ou alteração da forma de expressar.

Entrevistado (a) 1: Sra. SSR

1 - Quais são os impérios celebrados no festejo na Comunidade Vão de Almas?

“Primeiramente o Divino Espírito Santo e segundo Nossa Senhora D’ Abadia.”

2 - Quando e como ocorreu o primeiro império?

“Não era do meu nascimento, mas tenho uma noção de quando foi, o império foi começado em 1955 aconteceu o primeiro império na Romaria, esse império foi dirigido por Raimundo Sargento ele e de Cavalcante, desse tempo até agora faz o império, primeiro foi de Senhora D’ Abadia depois que teve o império do Divino Espírito Santo, mas o do Divino não tem Rainha”

3 - Qual a origem do império e porque começou essa a tradição?

“Essa tradição começou que essa festa era uma festinha simples né, mas através do império ela virou uma festona, virou festa chama atenção de muita gente por causa do império.”

4 - Quem teve a iniciativa dessa tradição?

“Pelo Sargento Raimundo, foi dirigido por ele, desse tempo pra cá continua o império.”

5 - Como ocorre a organização do festejo todos anos?

“Reuni as mulheres e homens colegas, amigos para ajudar fazer os enfeites do império, bandeiras e daí começa o império, depois a reza e os comes e bebes.”

6 - Porque são celebrados os dois impérios no mesmo festejo?

“Depende da época do dia, dia 14 celebra do Divino Espírito Santo e dia 15 celebra Nossa Senhora D’ Abadia.”

7 - Porque a ausência da imperatriz (Rainha) do Divino Espírito Santo?

“O divino e solteiro então só o rei, tem os ajudantes mulher ele é líder só ele que ser o rei.”

8 - Qual a importância desse festejo para a comunidade Vão de Almas?

“E muita importância é uma tradição que vem do nascimento dos antigos né e um ponto de encontro de encontrar todos os quilombos nessa festa parente e derente que está longe sai de longe o dia desse festejo pra encontrar nessa romaria, que é muito maravilhosa na nossa comunidade, gente 20 e 30 anos já levou na romaria pra encontrar meus parentes e chega e encontra é ponto de encontro e encontra todos os parentes.”

9 - Como e passada essa tradição para os jovens? E qual o interesse em participar dessa tradição?

“Olha o interesse vai pelo esforço de quem quer né, porque quem quer aprender, aprende pela tradição que vê passar né, aí vai acompanhando, aprendendo pela tradição que está passando aí quem tem boa inteligência vai seguindo a média, igual eu mesmo aprendi, eu vendo só que passava na época dos antigos passados eu me aprendi com os velhos né, os que eles fazia eu ia aprendendo, bater espada, bandeira tudo aprendi com os mais velhos sem ninguém me ensinar só os que eles fazia eu ia me aprendendo né e hoje eu acompanho o que eu sei, aprendi com os mais velhos e o que está acontecendo na ideia dos outros e a mesma coisa que eu aprendi né.”

10 - Como é participação de pesquisadores e pessoas de outra localidade? E preciso de autorização para que possam participar?

“Eles quando chegava eles não pedia permissão, já chegava e já fazia sem permissão tirava foto, fotografava gente, fazia firmação, eles fazia lá né ninguém não pensava assim, mas hoje como o pessoal está ficando assim incentivado, eles tem que pedir permissão pra chegar e vê se pode fazer a firmação, que se chegar e não pedir a permissão ninguém não autoriza fazer eles tem que chegar em nois e pedir a permissão, que a gente autoriza fazer se nos que nos faz se não nois fala que nois não quer.”

11 - Quanto aos mais jovens, são demonstrados algum interesse em participar?

“Eu acho que todo mundo tem a boa vontade em aprender né, incentivar o que foi dos antepassados eles tem que aprender, porque se não aprender acaba né a tradição e a gente tem que seguir a mesma média dos mais velhos seguia né.”

12 - Quais celebrações são realizadas durante o império?

“Primeiramente tem a reza né, missa, depois da missa começa a festa do império né, e daí reza, vem o mastro o mastro e o principal da festa de Nossa Senhora

D'Abadia, daí o forró das dez até as quatro da manhã.”

13 - Quais os rituais celebrados?

“São as cantigas desde os mais velhos, tocadas com a sanfona, zabumba, triângulo, viola dentro do quadro com o rei e soltando foguete.”

“A importância pra mim a harmonia da apresentação da devoção, da tradição religiosa que é o império pra mostrar pra todos que ali está no batuque do reinado, para os mais novos e também pra quem vem de fora e daí rezas da ladainha e o incentivo do império, as rezas que é o início e final do império oferecer ao imperador que consegue fazer império e a forma de agradecimento pra Deus e pro Santo do dia, daí depois da reza que fala o novo imperador pro ano seguinte. A reza e de cultura momento de fé e emoção do final do império, então essa romaria é muito importante porque também e o encontro de todos moradores da Comunidade Vão de Almas, e dos amigos que vem de fora, de outras cidades, muita alegria pra nós estar na multidão de gente, não podemos deixar acabar e passando para os mais novos porque os mais velhos vão morrendo e essa tradição não pode deixar acabar os mais velhos sempre falava pra ensinar os mais novos.”

Entrevistado (a) 2: FSR

1 - **Quais são os impérios celebrados no festejo na Comunidade Vão de Almas?**

“É do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora D' Abadia.”

2 - Quando e como ocorreu o primeiro império?

“Segundo o entrevistado” o 1º não me lembro quando **foi ,porque** quando entendi por gente já conheci o império, isso vem desde nossos antepassados, que foi passando de pai pra filhos.”

3 - Qual a origem do império e porque começou essa a tradição?

“Essa tradição desde os antepassados que vem com essa tradição e eu não sei quando foi começado.”

4 - Quem teve a iniciativa dessa tradição?

“Eu não sei quem teve primeiro essa atividade.”

5 - Como ocorre a organização do festejo todos anos?

“Essa organização ocorre quando os festeiros que é chama os colegas e vai organizando as festas pra ocorrer tudo bem os festejos, desde o início até o fim da organização de Padre, de ensaio da festa.”

6 - Porque são celebrados os dois impérios no mesmo festejo?

“E porque nessa época o povo está tudo reunidos, então os impérios precisa de gente, então não dá que organizar todos de duas vezes, primeira e segunda vez, e aí organiza tudo em uma época só que o império um num dia e outro no outro pra aproveitar a reunião do povo no festejo.”

7 - Porque a ausência da imperatriz (Rainha) do Divino Espírito Santo?

“É porque o império do Divino é só imperador e a de Senhora da Abadia tem o rei e a rainha. Não sei por que o império do Divino não tem a rainha não sei dizer não.”

8 - Qual a importância desse festejo para a comunidade Vão de Almas?

“A importância do festejo para a comunidade é importância muito bem porque é o modo de topar os parentes, amigos e parentes é mais fácil porque todo aproxima da festa aí os parentes que está com tempo que não encontra aí sempre encontra nessas épocas que é a oportunidade mais fácil de encontrar.”

9 - Como e passada essa tradição para os jovens? E qual o interesse em participar dessa tradição?

“Os interesses uns tem a metade dos novos tem, mais a metade já não tem muito interesse porque a metade das tradições está acabando falta de interesse dos mais novos os juventude.”

10 - Como é participação de pesquisadores e pessoas de outra localidade? E preciso de autorização para que possam participar?

“E sempre eles têm que chegar e pedir informação pelo pessoal da comunidade pra poder fazer algumas pesquisa que aqui nós não aceitamos pessoas chegar de orelha e entrar pesquisando as coisas sem ter conhecimento da comunidade.”

11 - Quanto aos mais jovens, são demonstrados algum interesse em participar?

“Eu acho que sim, alguns sim, eles tem sempre que aprender com os mais velhos.”

12 - Quais celebrações são realizadas durante o império?

“As realizações tem logo no início a celebração do padre e a missa todos os dias depois do império tem o início das oito horas ali depois da missa e outro dia que vai ser império depois do império à noite antes da missa tema levantação do mastro tem às oito horas tinha as alvoradas, hoje em dia o povo deixou a tradição tudo pra trás, tudo e tradição do festejo.”

13 - Quais os rituais celebrados?

“Tem o sanfoneiro que coordena a sanfona, **tema** a caixa, tem o quadro, mordomo tem a escolha do rei novo já pra ficar marcado pra o ano próximo.”

“Pra mim e importante o seguinte o império uma tradição religiosa, bonita de muitos anos desde os mais velhos não podemos deixar isso acabar, também e um modo de reencontrar os parentes, amigos que tem vez que fica muitos anos sem **ver** , então nesse tempo eles vem pra festa do império, e a ladainha a gente oferece a ladainha pro Santo do dia, daí a gente anima com mais rezas, os festeiros tem prazer de rezar outras rezas porque cada Santo tem uma reza e tem o dia, então as rezas é o elemento principal da tradição religiosa, e o momento onde reúnem na igreja pra louvar, agradecer a Deus e o Santo do dia pra dar saúde e proteção e agradecimento por estar ali no momento de fé e devoção da tradição religiosa.”

Entrevistado 3: Sr. ZSR

- Quais são os impérios celebrados no festejo na Comunidade Vão de Almas?

“O império do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Abadia.”

2 - Quando e como ocorreu o primeiro império?

“Desde quando entendi o império, já vi essa tradição dos mais velhos e devido os antepassados e seguir essa tradição devido os mais velhos.”

3 - Qual a origem do império e porque começou essa a tradição?

“Essa tradição foi ideia dos mais velhos.”

4 - Quem teve a iniciativa dessa tradição?

“Os mais velhos, que começou essa tradição, desde que entendi por gente via falar que vem dos mais velhos.”

5 - Como ocorre a organização do festejo todos anos?

“Quando chega no dia do império faz as bandeiras para enfeitar a barraca, e reza na hora do império e depois a bebida e a farofa para o povo.”

6 - Porque são celebrados os dois impérios no mesmo festejo?

“No mesmo festejo são dois o império do Divino e o de Nossa Senhora da Abadia, mais um e num dia e o outro no dia seguinte.”

7 - Porque a ausência da imperatriz (Rainha) do Divino Espírito Santo?

“Devido à tradição desde os mais velhos que o Divino é solteiro não pode ter rainha.”

8 - Qual a importância desse festejo para a comunidade Vão de Almas?

“O festejo é importante por causa das rezas, dos Santos no Altar, do império, é um divertimento da comunidade, e também onde encontra as famílias isso vem desde nossos antepassados e tem que seguir essa tradição.”

9 - Como é passada essa tradição para os jovens? E qual o interesse em participar dessa tradição?

“Essa tradição vem passando desde os mais velhos, sempre ensinando a importância dos impérios para os mais jovens também fazer o império, então é preciso que os mais novos também saibam para não deixar acabar essa tradição. Alguns jovens mostram interesse, outros não, uns querem fazer enquanto está mais novos para trabalhar, comprar as despesas e ter condições de realizar a festa porque ficar mais velhos é mais difícil e os mais velhos vão morrendo e preciso que os mais novos saibam por que se não como vai aprender e ensinar para os filhos.”

10 - Como é participação de pesquisadores e pessoas de outra localidade? E preciso de autorização para que possam participar?

“Hoje em dia é preciso sim pedir autorização para pesquisas.”

11 - Quanto aos mais jovens, são demonstrados algum interesse em participar?

“Alguns sim, outros vão só pra festar mesmo.”

12 - Quais celebrações são realizadas durante o império?

“Na hora do império tem os cânticos com o tocado da sanfona, depois pra igreja, tem a reza, depois às oito horas e a dança da sussa.”

13 - Quais os rituais celebrados?

“Os rituais são tocados com a sanfona, pandeiro, viola, caixa, triângulo em diversos rituais de músicas e cânticos desde os mais velhos.”

“A importância pra mim é o momento de fé, oração, divertimento e de reencontro dos parentes e amigos ali juntos para celebrar o festejo da Comunidade. E também

onde a gente reúne na tradição do império. A ladainha que dá início e o fim do império e uma reza difícil de aprender e oferecida para o Santo do dia da festa. Então essa tradição vem desde os mais antigos que já morrem e vem passando de pais pra filhos, não podemos deixar acabar, temos que valorizar a nossa cultura da região, momento de fé e alegrias pra nós Kalunga.”